



O assassinato de Margareth

Olívia Martins de Lima



Sumário

14 de janeiro, domingo, 1895.....	3
15 de janeiro, segunda-feira, 1895	4
16 de janeiro, segunda-feira, 1895	7
19 de janeiro, sexta-feira, 1895	8
21 de janeiro, domingo, 1895.....	9
22 de janeiro, segunda-feira, 1895	10
23 de janeiro, terça-feira, 1895.....	11
24 de janeiro, quarta-feira, 1895 – meia-noite	12
27 de janeiro, sábado, 1895.....	13
28 de janeiro, domingo, 1895.....	14
1º de janeiro, sexta-feira, 1895	15

14 de janeiro, domingo, 1895

Havia acabado de sair do Global Theater em Londres. O show foi lindo, os dançarinos de sapateado eram profissionais, pois seus passos faziam uma melodia que nunca havia ouvido antes. Cheguei a ficar emocionado, mas não chorei. Estava escuro, o fog estava denso, e a neve quase entrava em minhas botas enquanto caminhava em direção a minha casa. Chegando lá encontrei Anna, minha esposa, que estava com a cara toda molhada de lágrimas na porta.

– O que aconteceu???

– Uma coisa terrível! Alguém entrou aqui em casa e me colocou para fora e nossa filha Margareth está lá dentro e as chaves também! Eu não consigo entrar!

Arrombamos a porta e corremos para dentro. Procurávamos Margareth até que a minha esposa no segundo andar deu um grito. Sai correndo e quando cheguei encontrei minha filha cortada no colo de Anna. Corremos ao hospital, mas não chegamos a tempo. Estava com muito ódio, eu queria vingança da pessoa que matou ela. Avisamos sua irmã, Bernadet, que morava fora para vir ao funeral.

15 de janeiro, segunda-feira, 1895

De manhã, comecei a vasculhar a casa, em busca de pistas. Com livros de mistérios que eu tinha, e com a minha inteligência, tinha capacidade de resolver meu próprio caso. Procurei pela sala, pelo banheiro, no quarto... Até alguma pista nos sapatos da minha mulher! Estava muito desesperado. Já havia quase desistido, quando Anna acordou e desceu as escadas. Tive a ideia de perguntar a ela como a pessoa poderia ter entrado em nossa casa e ela disse:

– Pela chaminé, ela estava apagada.

Com isso, fui examinar a chaminé cuidadosamente para não mover as cinzas, podiam ter provas importantes. E sim, havia nas cinzas uma pegada que parecia ser de uma mulher por ser fina e delicada. Também notei que as cinzas estavam meio molhadas, provavelmente porque na hora que a pessoa entrou, havia neve em seus sapatos, e com as cinzas ainda um pouco quentes, a neve deve ter derretido. Esse lugar molhado ficava bem na pegada, o que me possibilitou de ver o padrão dos desenhos que ficam na sola de todo sapato. Desenhei o padrão num papel e sai procurando lojas que vendiam sapatos femininos pela cidade. Nem liguei para o café.

Após três horas achei uma loja familiar. Tenho breves lembranças de comprar um presente para Anna nesse lugar, mas só isso. Entrei, fingindo estar interessado nos calçados. Comparava cada sapato daquela loja com o meu desenho quando finalmente achei o santo calçado que tinha o mesmo padrão, desenhei como ele era e fui embora.

Chegando em casa, fui procurar por mais pistas. Podia ficar acordado noites, só me alimentando de café e bolachas de água e sal para

encontrar qualquer coisa que me ajudasse a encontrar mais alguma prova. Nesse momento levei um choque de realidade. Poderia ter sido um ladrão, e ladrões vêm por dinheiro... Meu cofre! Sai correndo para ver ele. Estava vazio e sem nenhum sinal de arrombamento. Ou seja, abriram pela senha. Nessa hora Anna estava servindo o almoço.

– Venha comer, dê uma pausa, uma comida pode te ajudar. – Disse Anna.

O almoço estava muito bom, e achei estranho pois Anna não cozinhava bem. Nessa hora saiu de trás da cozinha Bernadet e seu marido, a melhor surpresa que podia ter naquele momento. Mesmo não mencionando, ainda estava triste por Margareth. Dei um abraço grande nela.

– Estou feliz que pode vir. Aliás, você que fez essa comida?

– Sim, sim! A minha sogra me deu umas aulas lá em Nova York!

A presença de Bernadet me fez feliz, mas as investigações não podiam parar. Anna deu a ideia de darmos um passeio, para me tirar daquela situação, descansar um pouco a mente. Mas Anna não quis ir. Ela disse que tinha que lavar as roupas e limpar a casa. Já que eles chegaram de surpresa e a casa estava uma bagunça.

Depois de uma grande volta, eles me deixaram em casa. Anna estava terminando de lavar a louça quando cheguei, e depois foi costurar. Notei que ela estava com uma cara de preocupação e surpresa, perguntei o que tinha acontecido. Ela disse:

– Não é nada demais, só uma baratinha que me deu um susto.

– Onde ela está? Eu vou matar.

– Na cozinha.

Depois que matei a barata, encontrei uma faca suja de sangue que achei dentro do lixo. Tomei um susto, fiquei apavorado. Não consegui dormir após isso.

16 de janeiro, segunda-feira, 1895

Dia de trabalho. Eu não podia faltar, apesar de estar de luto pela minha filha. Meu dinheiro sumiu, e eu tinha que sustentar a casa. Meus colegas me acolheram e me chamaram para beber depois do expediente, mas disse eu não podia. Ainda tinha que resolver muitas coisas. Alex, um dos meus melhores amigos trabalhava lá também, e falou que tudo seria por sua conta. Me convenceu. Eu só tinha que passar em casa antes para deixar meu dinheiro. No meu trabalho ganhamos por dia. Guardei o dinheiro no cofre e fui com eles.

Já havia bebido muito quando vi dois vultos bem de longe entregando alguma coisa um para o outro, mas minha vista estava embaralhada demais para conseguir reconhecer quem eram. Nessa hora Alex, que tinha ido ao banheiro, voltou.

– Nossa! Bem na ida ao banheiro eu vi duas mulheres muito lindas! Pareciam ser bem ricas também. Queria que uma fosse a minha esposa!

– Vai sonhando. Sua mulher surtaria se você se separasse dela.

– Verdade... Isso que dá um casamento arranjado. Queria que o meu casamento fosse real como o seu.

– Um dia isso acontece. – Eu disse.

19 de janeiro, sexta-feira, 1895

Após o trabalho Alex veio a minha casa com a esposa para um jantar, ideia de Anna. Nesses dias não tinha conseguido investigar por causa do trabalho e tristeza que vinha me consumindo cada vez mais. Senti que devia dar uma pausa do trabalho e me concentrar no caso. O dinheiro podia esperar, e já tínhamos bastante comida para o resto da semana.

No jantar, estávamos conversando sobre viagens e Anna mencionou um passeio de barco até a Irlanda que aconteceria no mês seguinte, e a esposa de Alex já se animou. As duas queriam muito ir e nos queriam levar junto.

– Mas querida, e o dinheiro? Você sabe que o nosso vêm sumindo... – Alex disse.

– Relaxe Alex. Eu vou vender roupas numa lojinha que lançou ali na esquina, vai dar o bastante. Novas lojas sempre fazem sucesso.

– Verdade! Posso te ajudar nisso, cansei de ficar presa em casa. – Disse Anna.

21 de janeiro, domingo, 1895

Já faz uma semana que minha filha morreu, e ainda não superei. Sei que vai demorar muito, e toda essa investigação só me faz lembrar de quanto eu amava ela e da vontade que eu tinha de passar mais tempo com ela. Ontem, minha esposa mencionou um baile que ia acontecer na semana seguinte, e que nós iríamos sem falta. Ela disse que o meu humor estava triste demais para ela. Acho esquisito como ela está levando tudo isso tão bem e calmamente, e só nos primeiros dias ela ficou triste. Talvez ela não esteja querendo mostrar sua verdadeira tristeza, que poderia me deixar pior.

22 de janeiro, segunda-feira, 1895

Era dia do enterro. Toda a família local estava lá. Foi muito triste, mas ao mesmo tempo muito lindo. Flores brancas de todos os tipos em volta do caixão, não consegui resistir e chorei muito. Anna até tinha chorado, mas foi pouco. Em casa se trancou no quarto e chorou mais. Deu para ouvir de longe. Coitada.

23 de janeiro, terça-feira, 1895

Encontrei Alex de novo no trabalho, e dessa vez resolvi confessar. Disse tudo sobre o que tinha acontecido naquela noite, sobre os meus pesadelos e a investigação. Ele disse que podia ajudar com informações, porque as coisas na casa dele também estavam estranhas. Ele disse:

– Na noite do assassinato, Anna foi à minha casa conversar com minha mulher. Elas falaram que iam fazer chá, e depois tivemos uma boa conversa sobre a nova lojinha. E o meu dinheiro vêm sumindo também, e eu não estou gastando em nada. Pode ser que a minha mulher esteja gastando para comprar panos e etc...

– Minha mulher também anda esquisita, acho melhor ficarmos de olho.

Assim decidimos.

24 de janeiro, quarta-feira, 1895 – meia-noite

Nessa noite decidi não dormir. Fiquei pensando sobre o assunto e juntando todas as provas que tinha visto.

Começando da primeira, a faca no lixo. A faca estava suja de sangue, possivelmente da Margareth, mas porque o ladrão jogaria fora ali mesmo? Deixei de lado e fui para a próxima.

Segunda, o cofre. Sem sinais de amassados, cortes ou peças faltando. Ou seja, não foi arrombado. Abriram pela senha. Só quem sabia da minha senha eram meus dois filhos e Anna. Três suspeitas.

Terceira, a arrumação. Ela disse que tinha de arrumar a casa por casa da visita, mas a casa não estava bagunçada pelo me lembro.

Quarta, sua frieza em relação à morte de nossa filha. Parecia que não estava abalada. Até queria ir a festas e fazer viagens.

Quinta, a lareira. A que mais me intrigou e me mostrou tudo. Sapato feminino, loja familiar e um de seus sapatos era igual ao da loja. Com certeza era ela. Fiquei surpreso por um momento, mas a raiva me dominou mais. Tinha que falar com Alex, mas combinamos de nos encontrar apenas no dia anterior ao baile para dar tempo de pegarmos mais provas.

Depois desse dia tivemos sossego, as coisas deram uma acalmada.

27 de janeiro, sábado, 1895

Nos encontramos durante o dia com a desculpa de ir comprar roupas para o baile. Enquanto experimentávamos as sobrecasacas, conversamos sobre o que tinha acontecido nesse meio tempo, e nós dois chegamos à conclusão de que nossas esposas estavam trabalhando juntas. Tínhamos de formular um plano de como conseguir mais informações delas, até que Alex me deu a ideia:

– E sua filha Bernadet? Ela pode fingir que quer fazer parte do que elas estão planejando e nos dizer informações.

– Ótima ideia!

Depois de nos separarmos, expliquei tudo a Bernadet com muita cautela para tentar descobrir se ela estava com as nossas esposas ou não. Boas notícias, ela ficou chocada e disse que não sabia de nada. Concordou em nos ajudar. Conteí o resto das coisas que sabia e do que Alex sabia e fizemos o trato. Na festa, ela ia ficar junto das mulheres e pegar o máximo de informação fingindo ser uma delas e depois ia nos contar tudo no dia seguinte, num café próximo com a desculpa de só querer passar um tempo com seu pai que não via há eras. Quanto a Alex... Alex só diria que ia sair para beber.

28 de janeiro, domingo, 1895

Saímos para o baile, Anna estava linda, mas ela não me engana mais. Aquela carinha de anjo é só um disfarce do que tem dentro.

Encontramos Alex e sua esposa na entrada, e depois de minutos minha filha chegou. Estava maravilhosa, orgulho do pai. Depois da dança nós vimos as mulheres indo ao banheiro e essa era a chance de Bernadet. Ela saiu correndo atrás, e depois de uns 30 minutos elas saíram e foram pegar bebidas. Nessa hora, a cara de Bernadet estava branca, olhando para mim e fazendo sinal de “não” com as mãos. Tenho que dizer, estava confuso. Depois chegaram nossas esposas nos oferecendo drinks e então entendi. Deviam ter colocado veneno nas bebidas.

Fingi que bebi, e fiz sinais para Alex com as mãos. Apontei para a bebida, depois para boca, e assim passei a mão no pescoço. Ele tinha entendido. A noite estava bela, dancei com minha filha uma vez e fiquei impressionado. Última vez que tinha visto ela antes de se mudar ela era novinha, não sabia nem dançar nem cozinhar. Ainda não era uma boa dançarina e pisava no meu pé às vezes, mas estava orgulhoso da minha menina.

1º de janeiro, sexta-feira, 1895

Era dia da viagem, e pelo o que Bernadet nos disse, o plano delas era nos embebedar à tarde, nos levar para trás do navio e aproveitar que estaríamos incapacitados depois da bebida para nos jogarem no mar. Então fizemos o seguinte:

Bernadet ia distraí-las enquanto entrávamos no camarote delas para pegar o dinheiro e depois daríamos à minha filha. Quando nos oferecessem os drinks, fingiríamos que estávamos bêbados e assim elas iam nos jogar no mar, mas elas não sabiam que Bernadet já estaria nos esperando com um pequeno barco para nos resgatar. Assim escaparíamos vivos com o dinheiro.

Tudo estava ocorrendo como queríamos. Elas não suspeitavam de nada, e logo foram chamadas pela minha filha para ver golfinhos longe da escada que dava acesso aos camarotes. Conseguimos pegar o dinheiro, estava bem onde minha filha nos disse que estaria. Demos a volta no lugar para que não nos vissem com o dinheiro e vimos Bernadet sozinha. Isso significava que tinham ido pegar as bebidas. Entregamos tudo a ela, que saiu para preparar o barco.

Nessa hora nossas esposas chegaram com as bebidas, e como planejamos, fingimos que bebemos. Deixávamos a bebida na boca e cuspiamos quando não viam. Nossas atuações estavam ótimas e elas realmente acreditaram. Dito e feito, nos jogaram no mar. E mal elas sabiam que o dinheiro estava conosco. Voltamos para casa seguros, e Bernadet voltou para Nova York.

Hoje em dia, eu e Alex temos uma livraria com livros de mistério, além deste livro que estou escrevendo agora. Já se passaram 15 anos

desde o assassinato... Espero que Margareth esteja nos olhando lá de cima.

FIM